

PMDB se une e tenta impor novo ritmo ao governo

Brasília — O presidente José Sarney deverá ser surpreendido amanhã com a nova linguagem do PMDB. De forma mais agressiva e considerando-se rejuvenescido com as recentes disputas internas, o partido resolveu enfrentar o imobilismo do governo: quer levar para as ruas a bandeira da moratória, exigindo consequências na negociação da dívida externa. Pretende ainda fechar questão a favor da permanência do ministro Dilson Funaro, por entender que sua manutenção no cargo está ameaçada pelas pressões dos amigos de Sarney, que, não tendo vínculos com o PMDB, desejam imprimir uma política econômica totalmente diferente da que o partido defende.

A nova estratégia do PMDB foi montada neste fim-de-semana, à revelia do presidente do partido, Ulysses Guimarães, que dela só deverá tomar conhecimento quando abrir a reunião da executiva nacional, amanhã. Os articuladores da moção, em torno da qual o PMDB deverá fazer suas cobranças ao governo, acreditam, porém, que o próprio Ulysses a referendará, pois ela é a reafirmação de todas as propostas e posições oficiais do partido: contra a recessão e o achatamento salarial e a favor da soberania do país e da manutenção do gatilho salarial, por exemplo.

Em sua nova postura, o PMDB conseguiu reunir todas as tendências que se abrigam na legenda. O próprio grupo do líder Mário Covas reconhece que só através da unidade interna o PMDB conseguirá fazer prevalecer suas propostas. Nesse sentido, está disposto a encerrar a disputa — em forma de desconfiança mútua — que marcou os primeiros contatos de Ulysses com a facção vitoriosa.

Para isso, consideram fundamental fortale-

cer a posição do presidente do partido, de quem exigirão, no entanto, uma contrapartida: a descentralização do comando partidário. O deputado Francisco Pinto (BA), vai sugerir a Ulysses que, na condição de interlocutor oficial de Sarney, traga para dentro do PMDB as discussões sobre as propostas do governo. Ele quer que Ulysses evite desgastes e leve de volta a Sarney decisões consensuais e não isoladas, como vem ocorrendo.

Ontem, Ulysses tomou a iniciativa de relatar informalmente ao partido o pouco que sabe sobre as intenções do governo em relação ao novo plano econômico. Ele transmitiu aos dirigentes o que ouviu do presidente José Sarney, com quem viajou para Carajás (PA) e São Luiz (MA), e do ministro Dilson Funaro, que ontem falou com ele por telefone. Essas informações deverão ser relatadas com mais detalhes durante a reunião da executiva.

A atitude de Ulysses agradou à maioria do PMDB, cujo líder, o senador Mário Covas, teve ontem um demorado encontro com ele. Os pemedebistas acham que os adversários — não só do partido, mas também do governo — jogavam tudo na divisão do PMDB, por acreditarem ser esta a fórmula ideal para Sarney se enfraquecer, além de abrir mais espaços para os amigos do presidente influenciarem nas decisões do governo.

A recuperação da unidade interna será vital, acreditam, para que o partido mantenha na eleição de prefeitos, no próximo ano, o mesmo desempenho conseguido nas eleições de governadores, assegurando com isso sua posição de favorito na sucessão do presidente José Sarney.

Nordeste apóia Carlos Wilson para ministério

Brasília — Os governadores do Nordeste, à exceção de Antônio Carlos Valladares (SE), do PFL, e Alberto Silva (PI), do PMDB, resolveram apoiar o nome do vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson, para o Ministério do Interior, em substituição a Ronaldo Costa Couto, que deve assumir o lugar do pernambucano Marcos Freire na presidência da Caixa Econômica Federal.

Em Recife, Carlos Wilson disse que ainda não recebeu qualquer convite do presidente José Sarney para ir a Brasília conversar sobre reforma ministerial. Informou, porém, que Sarney disse a Arraes que tinha interesse em sua colaboração na reforma.

“Existe realmente uma possibilidade de reforma ministerial e Pernambuco, tanto pelo seu peso político específico, como pela importância de Arraes, deve ser ouvido na reforma”, disse Carlos Wilson.

Segundo ele, durante a reunião da Sudene, na última sexta-feira, os governadores dos demais estados do Nordeste selaram um acordo de apoio ao seu nome para uma possível substituição do Ministério do Interior — uma pasta que os governantes nordestinos costumam considerar como uma espécie de “reserva de mercado” da região.

A especulação em torno do nome de Carlos Wilson para o ministério tem provocado a reação do atual presidente da CEF, Marcos Freire, que tem procurado vários políticos do Nordeste para tentar evitar sua iminente queda. Em conversas com ministros e parlamentares, Freire atribui sua derrubada ao governador Miguel Arraes.

Líderes negociam o comando das grandes comissões

Brasília — PMDB e PFL voltam hoje à mesa de negociações, desta vez para discutir a formação das nove grandes comissões e 26 subcomissões da Constituinte, que têm de estar concluídas até amanhã, para registro junto à mesa diretora. Na Reunião entre os líderes do PMDB, Mário Covas, e do PFL, José Lourenço, poderá ser selado um acordo para que os pefelistas indiquem todos os presidentes das grandes comissões, enquanto caberia aos pemedebistas os cargos de relatores — na prática, mais importantes.

No PMDB e PFL têm sido difícil chegar a um acordo em torno dos nomes indicados às comissões. Ontem à noite, Mário Covas esteve reunido com os coordenadores estaduais de todas as bancadas do seu partido para discutir as indicações às comissões de Sistematização e de Ordem Econômica, as duas mais procuradas pelos pemedebistas.

Em função de um acordo prévio entre as lideranças partidárias, especialmente do PMDB e PFL, não serão aceitos vetos às indicações dos líderes às comissões. Com isso, foi evitado o veto que o PFL ensaiou em relação ao nome do senador Severo Gomes (PMDB-SP), o virtual relator da comissão de Ordem Econômica que será composta por nomes como os dos ex-ministros Delfim Neto (PDS-SP), Roberto Campos (PDS-MT) e Francisco Dornelles (PFL-RJ). O PFL ameaçava vetar Severo por considerá-lo “muito à esquerda”.

Para relator da Comissão de Sistematização, há três candidaturas dentro do PMDB: a do senador Fernando Henrique Cardoso e dos deputados Bernardo Cabral (AM) e Pimenta da Veiga (MG). A definição do ocupante do cargo, contudo, só deverá acontecer na quarta-feira.

Cartão de ponto congestionava assembléia

Campo Grande — A decisão do presidente da Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, Jonatan Barbosa (PMDB), em campanha contra os funcionários fantasmas, obrigando os 2 mil 800 servidores da casa a bater diariamente o cartão de ponto está provocando um congestionamento sem precedentes dentro da assembléia.

Por falta de espaço físico, os dois turnos de trabalho foram aumentados para três, mas mesmo assim os corredores, as salas e os gabinetes dos deputados estão cheios de gente — muitos, sem ter o que fazer, gastam as quatro horas de seu expediente diário lendo jornais, batendo papo ou fazendo tricô.

A diretoria de saúde, por exemplo, desmente as leis da física. Nas suas instalações de 30 metros

quadrados, além de móveis e equipamentos, há nove médicos, oito dentistas e 87 funcionários — uma média de quase quatro servidores por metro quadrado. Ao lado, funciona a assessoria de imprensa, que ocupa espaço igual, e tem 34 funcionários, dos quais apenas um é jornalista — nomeado há dois anos, só apareceu para trabalhar na semana passada.

A decisão do presidente da assembléia está causando muita polêmica. Para alguns, ela, longe de moralizar a casa, apenas institucionalizou os funcionários fantasmas, pois muitos servidores só vão à assembléia enfrentar a fila e bater o cartão de ponto. Depois, voltam para casa ou vão para outro emprego. Há quem nem faça isso, evitando as filas e a perda de

tempo. Um dos fiscais do relógio de ponto foi flagrado, fora do expediente, picotando cartões ao preço de Cz\$ 200,00 cada.

Para a oposição, tudo não passa de uma jogada política de Jonatan Barbosa, que pretende concorrer à Prefeitura de Campo Grande em 88. Segundo os adversários, com as medidas, ela passa para a opinião pública a imagem de um político que combate o empreguismo, e ainda deixa livres centenas de cargos para preencher com seus afilhados. O petebista Walter Carneiro, ex-presidente da assembléia, acha que Jonatan vai se dar mal: “Ele está mexendo numa casa de marimbondo. Cada funcionário tem seu dono”.